

TERRA SONÂMBULA E UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA: AS VIAGENS AO PASSADO E A BUSCA PELA IDENTIDADE NAS OBRAS DE MIA COUTO

Nathália Cunha de Melo

Orientadora: Laura Cavalcante Padilha

Mestranda

RESUMO: O presente trabalho realiza uma leitura comparatista entre os romances do autor moçambicano Mia Couto *Terra Sonâmbula* (1992) e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002). Através das personagens Muidinga, Kindzu – ambos de *Terra Sonâmbula* – e Marianinho – de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* –, busca-se mostrar as relações entre memória e identidade nas obras do autor. Para este estudo, apoiamos-nos em vários autores, entre eles Stuart Hall, estudioso das questões da pós-modernidade, como a globalização e as identidades culturais, Edward Said, que trouxe uma nova conotação ao termo “pós-colonial” em sua obra *Orientalismo*, e autores estudiosos da literatura africana de Língua Portuguesa, como Ana Mafalda Leite, Carmem Lucia Tindó Secco, Simone Schmidt e Laura Cavalcante Padilha. Também destacamos a presença dos cadernos e das cartas e o efeito que a relação oralidade/escrita produz nas obras de Mia Couto. Abordamos a maneira como a construção da história, da memória, da tradição e cultura de Moçambique se apresentam nas personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Mia Couto, Moçambique, identidade, memória

O presente trabalho discute as obras *Terra Sonâmbula* (1992) e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), do autor moçambicano Mia Couto. O objetivo é apontar a maneira como o autor traz para o texto fatos passados que reorganizam o presente e ajudam as personagens a construir a sua identidade. Para compreendermos melhor a questão

da formação identitária destacamos as personagens Muidinga e Kindzu, de *Terra Sonâmbula*, e Marianinho, de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Realçamos a importância dos cadernos e das cartas nessa formação e o efeito que a relação escrita/oralidade produz no texto. Também analisaremos a forma como a ficção moçambicana é permeada pela história de Moçambique pós-colonial.

Sobre a aproximação entre a realidade moçambicana e a ficção de Mia Couto, a estudiosa Rejane Vecchia Rocha e Silva afirma que:

os romances *Terra Sonâmbula* e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do escritor moçambicano Mia Couto, apresentam um rico material para refletirmos acerca da aproximação entre literatura e história. (...) esses romances se dispõem a dialogar, a contestar, ou mesmo a defrontar-se com uma realidade que não se restringe mais ao campo da ficção, revelando-se na dimensão do campo histórico, contexto de onde emergem os interlocutores, agentes históricos, à procura da sintonia com esse universo do mundo criado (SILVA, 2013, p. 157).

Para entendermos o contexto das obras moçambicanas, devemos em primeiro lugar, conhecer um pouco da história de Moçambique. O país africano, assim como o Brasil, foi colonizado por Portugal. A luta pela libertação começou na década de 1960 com a criação da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) e somente em 1975, Moçambique pôde se ver como um país independente. Mais tarde, na década de 1980 iniciou-se a guerra civil entre a FRELIMO e o RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique). Em 1992, firmou-se um acordo de paz.

A guerra civil que ocorreu em Moçambique não apenas serviu de pano de fundo para muitos romances, como *Terra Sonâmbula*, obra aqui estudada, como também é citada em obras posteriores como a causa de muitos problemas políticos e sociais do local, como acontece em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*.

As obras de Mia Couto podem ser consideradas como pós-coloniais. O termo *postcolonialstate* começou a ser utilizado depois da Segunda Guerra Mundial e se refere aos países recém-independentes, no sentido cronológico. Mas, após os anos setenta, principalmente a partir da obra *Orientalism* (1978), de Edward Said, o termo *postcolonial* passou a ser usado para discutir os efeitos culturais da colonização. Segundo Ana Mafalda Leite,

o projeto da escrita pós-colonial é também interrogar o discurso europeu e descentralizar as estratégias discursivas; investigar, reler e reescrever a empresa histórica e ficcional, coloniais, faz parte da tarefa criativa e crítica pós-colonial. Essas manobras subversivas, além da construção da inscrição territorial-cultural-nacional, são características dos textos pós-coloniais (LEITE, 2012, p. 154).

Mia Couto produz uma ficção que trata do maravilhoso, mas ao mesmo tempo inclui a realidade histórica, pois ele traz para o texto elementos da vida cotidiana, da cultura, da tradição e reforça uma ideia de identidade moçambicana. Outro ponto importante a ser destacado sobre as obras coutianas são as diversas dicotomias nelas presente, para este estudo enfatizaremos a questão da tradição/modernidade, passado/presente, oralidade/escrita e morte/vida.

Para analisarmos o perfil das personagens selecionadas – Muidinga, Kindzu e Marianinho – apoiamo-nos na definição de sujeito pós-moderno proposta por Stuart Hall, que afirma que esse sujeito é aquele que não tem uma identidade “fixa, essencial ou permanente” (2006, p. 11), ou seja, sua identidade é formada e transformada continuamente e este sujeito é capaz de assumir identidades diferentes em momentos diferentes.

Dessa maneira, esse sujeito acaba deslocando suas identificações conforme as influências externas que recebe. Esse momento de globalização e homogeneização cultural produz, segundo Hall (2006), a desintegração das identidades nacionais, por um lado, e a resistência por parte de determinadas identidades “locais” por outro; ao mesmo tempo, cria-se uma nova identidade, uma identidade híbrida. Os passeios entre o passado e o presente, entre a tradição e a modernidade, apresentados nas obras de Mia Couto, mostram justamente essa identidade híbrida sendo formada nas personagens.

O romance *Terra Sonâmbulase* passa em Moçambique pós-independência, um país dominado por uma devastadora guerra civil. As personagens principais são o velho Tuahir e o menino Muidinga, que sem rumo, encontram um ônibus incendiado que lhes servirá de abrigo. No ônibus ou machimbombo, como é chamado no texto, encontram uma mala e um corpo. Dentro da mala, descobrem o diário de Kindzu, outro fugitivo das perversidades da guerra. O diário de Kindzu é composto por doze cadernos lotados de histórias e fantasias, além de também contar as terríveis atrocidades da guerra.

Nesse romance destacamos duas personagens centrais: o menino Muidinga e o jovem Kindzu. Muidinga é criado pelo velho Tuahir e nada lembra sobre o seu passado ou sua família:

- Me conte sobre a minha vida. Quem eu era, antes do senhor me apanhar?
(...)
- Você nem tem estória nenhuma. Lhe apanhei no campo, ganhei pena de lhe ver aranhaçar, com pernas que já nem conheciam andamento...
- Mas o senhor me conhecia, sabia quem eu era?
- Nada. Você nunca me foi visto. Agora, acabou-se a conversa. Apague a fogueira (COUTO, 2007, p. 34-35).

Como podemos observar no trecho, o velho Tuahir não comenta sobre a história de Muidinga. Mas ele é um personagem importante, pois representa na obra a sabedoria, o passado, a tradição. Carmem Lúcia TindóSecco chama essas personagens de “guardiãs da memória” (SECCO, 2008, p.62). Tuahir é quem conhece os perigos da terra, as histórias, quem fala a língua local, como no episódio com Siqueleto, em que ele traduz o que Siqueleto diz para o jovem Muidinga.

No entanto, em um aspecto da narrativa, os papéis do jovem e do velho se invertem, pois nas cenas da leitura dos cadernos de Kindzu, que remetem aos contos orais africanos feitos pelos *griots*, quem conta é Muidinga e quem ouve é Tuahir. Segundo Laura Padilha,

o menino Muidinga, o agente presentemente vivo da transformação Letrado, tem como acessar os “Cadernos” de Kindzu, outro letrado. Na longa noite africana, apresenta-se como um griô dos novos tempos, lendo/contando as histórias neles contidas para seu mais-velho. (...) Recompõe-se a cena organizadora da cultura ancestral: noite, fogueira, velho, criança (...) Contudo, descrystaliza-se o rito, com a magia da estória, logo, da palavra, nascendo da letra, pelo que, inicialmente, os “olhos se abrem mais que a voz” (PADILHA, 2002, p. 128).

A cena dos contos noturnos reinventa a tradição, os elementos da tradição estão presentes (“noite, fogueira, velho, criança”), mas a voz surge da letra. A escrita e a oralidade caminham juntas na obra coutiana.

Em *Terra Sonâmbula*, a paisagem e o sentimento humano refletem o estado da terra em meio à guerra civil. A paisagem que é apresentada pelo narrador como uma “estrada morta” – título do primeiro capítulo -, com “cinzas e poeiras” (2007, p. 9) e “cores sujas” (2007, p. 9). Anita Martins Rodrigues de Moraes afirma que “a paisagem se mistura de

tristezas, adquirindo, então, cores sujas, perdendo as suas próprias cores, seus contornos” (MORAES, 2009, p. 21).

A descrição das personagens também reflete o estado devastador em que se encontra a terra. No trecho do capítulo nove, Muidinga afirma a Tuahir que se sente pequeno:

- Tio, eu me sinto tão pequeno.
- É que você está só. Foi o que fez essa guerra: agora todos estamos sozinhos, mortos e vivos. Agora já não há país (COUTO, 2007, p. 153).

Muidinga se sente solitário, pequeno, assim como a terra em que ele vive: totalmente fragilizada pela guerra. Além dos sentimentos, Moraes descreve a forma de agir, andar e se vestir das personagens como uma forma de representar a forma como se encontra a terra:

As personagens Muidinga e Tuahir são apresentadas como novos elementos da paisagem, tendo destaque a descrição do seu caminhar, que se dá pelo adjetivo “bambolentos” - que parece uma condensação de “bambo” e “lento”, sugerindo, a palavra inventada, um caminhar desajeitado e arrastado. Suas vestes tem as cores da paisagem, mas especificamente, do “caminho” (...) estabelece-se um vínculo entre as personagens e o quadro de devastação (afinal, trata-se de uma estrada morta), marcando-se uma situação de falta e abandono (MORAES, 2009, p. 22).

O narrador faz uma conexão entre as personagens e o ambiente que os cerca. A guerra deixou-os de uma mesma maneira: devastados, solitários e frágeis.

A personagem Kindzu é conhecida através de uma narrativa dentro da narrativa, e o narrador é o próprio personagem. Muidinga encontra no machimbombo os cadernos de Kindzu e então passa a lê-los capítulo por capítulo para ajudar a passar o tempo enquanto ele e Tuahir se escondem dos perigos da guerra. Kindzu cresceu em uma aldeia com seus pais e seus irmãos. Logo no início de seu diário, podemos observar as influências culturais de outros lugares em seu país, pois ele estudava com um pastor português e frequentava a loja de um indiano, onde passava horas conversando. O próprio personagem cita o medo de seus pais de que ele se afastasse de sua cultura, como podemos ver no trecho:

Minha família receava que eu me afastasse de meu mundo original. Tinham seus motivos. Primeiro era a escola. Ou antes: minha amizade com meu mestre, o pastor Afonso. Suas lições continuavam mesmo depois da escola. Com ele aprendia outros saberes, feitiçarias dos brancos, como chamava meu pai (...) Pior, pior era SurendraValá. Com o indiano minha alma

arriscava se mulatar, em mestiçagem de baixa qualidade (COUTO, 2007, p. 24-25).

Lembramos nesse momento de Hall (2006) quando aborda a questão da globalização e da influência das culturas externas nos países. A família de Kindzu criava uma ideia de cultura local e tinha medo que o filho absorvesse uma cultura diferente.

O pai de Kindzu tem um sentimento de que levariam o menino Junhito, irmão mais novo de Kindzu, e o matariam. Para poupá-lo desse triste fim, o pai decide esconder o menino no galinheiro e faz com que ele aja como um galo. Após algum tempo daquela forma, o menino já nem sabia mais falar as palavras humanas, somente cantar como galo. Até que um dia ele desapareceu. Ninguém soube o que havia acontecido. Kindzu resolve, então, procurá-lo. Essa busca por Junhito é o ponto de partida para as viagens na terra e no tempo por Kindzu.

Durante sua busca por seu irmão, Kindzu conhece Farida, uma mulher solitária dentro de um navio. Ao encontrar Kindzu, ela conta sua história para ele, que a escreve em seu diário. Farida e Kindzu acabam se envolvendo em um relacionamento amoroso. As memórias de Farida são trazidas da parte oral – quando ela conta – para a parte escrita – quando ele escreve no diário. Seus encontros representam “a passagem de uma tradição a outra, e mais do que isso, a mistura das duas tradições” (SCHMIDT, 2005, p. 99).

Simone Schmidt afirma que “Farida e Kindzu têm suas identidades a flutuar entre dois tempos, entre o presente vazio – da guerra, da terra devastada – e o passado irrecoverável, o passado das ‘línguas indígenas’ e das ‘aldeias’” (SCHMIDT, 2005, p. 99). Farida representa o passado, presa num navio quase impossível de ser alcançado, e Kindzu traz consigo as dores do presente moçambicano.

Kindzu promete a Farida encontrar seu filho, Gaspar. Então sai em busca de Gaspar e Junhito. Os desencontros do passado são o que movem o presente de Kindzu. Tudo o que ocorre em sua história, todos os conflitos que ele enfrenta se originam na busca por soluções de problemas do passado.

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada Terra*, publicada em 2002, dez anos após a publicação de *Terra Sonâmbula*, conhecemos a história de Marianinho, um

universitário que precisa voltar a sua terra natal – a ilha Luar-do-Chão – para o enterro do seu avô, Dito Mariano. O rapaz, ao voltar à ilha, começa a confrontar a si mesmo e se vê no meio de intrigas e segredos familiares. Com o passar do tempo, Marianinho vai desvendando os mistérios que envolvem a sua família e conseqüentemente, (re)descobre a sua própria identidade.

As paisagens apresentadas nessa segunda obra são praticamente duas: a cidade e o campo (ou a ilha):

A ilha era a nossa origem, o lugar primeiro do nosso clã, os Malilanes. Ou, no aportuguesamento: os Marianos. Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a Ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um lado e outro reside um infinito. São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo sim, mas de duas gentes, duas almas (COUTO, 2003, p. 18).

Marianinho ao chegar na ilha, após muitos anos estudando na cidade, apresenta um novo olhar sobre o local onde nasceu:

até há pouco a vila tinha apenas uma rua. Chamavam-lhe, por ironia, a Rua do Meio. Agora, outros caminhos de areia solta se abriram, num emaranhado. (...) a vila é ainda demasiado rural, falta-lhe a geometria dos espaços arrumados. (COUTO, 2003, p. 27).

Marianinho se encaixa na concepção de sujeito pós-moderno descrita por Stuart Hall (2006), pois se vê fragmentado entre dois mundos: a cidade onde vive e a ilha de onde veio. Ele nascera naquele lugar e, portanto, tinha a ilha dentro de si, mas como viveu a maior parte de sua vida na cidade, também possuía um pouco da capital. Ele percebera que não era mais o mesmo de quando deixara a ilha. Em um diálogo com o coveiro, Marianinho é chamado por ele de *mulungo*, pois “ficou muito tempo fora” (COUTO, 2007, p. 159). De acordo com o glossário disponibilizado pelo autor no fim do livro, a palavra *mulungo* significa “branco”. Marianinho, para o coveiro, havia se tornado um branco. Segundo Rejane Vecchia da Rocha e Silva,

a sua aparente inserção em outra realidade (com a família Lopes com quem fora morar para estudar) revela que sua história não é uma “via de mão única” porque se instaura no diálogo com o “outro”, no caso, não só aquele que encontrou fora da ilha, mas o próprio avô que o resgata do vazio. O estranho está fora de casa, mas também pode estar nela (SILVA, 2013, p. 163).

Marianinho tinha uma identidade dividida entre a tradição da ilha e dos costumes de seu povo, e a modernidade da cidade, e os costumes da família Lopes, que o abrigaram para que pudesse completar os seus estudos.

Nas duas obras aqui estudadas, o narrador se utiliza da Língua Portuguesa e também da língua local em sua escrita. Mia Couto faz o que Ana Mafalda Leite (2012) chama de “hibridismo linguístico”. Segundo Leite, as literaturas africanas de língua portuguesa fizeram coexistir “na maleabilidade da língua, a escrita com a oralidade, numa harmonia híbrida, mais ou menos imparável, que os textos literários nos deixam fruir.” (LEITE, 2012, p. 139).

Mia Couto utiliza a língua do colonizador como ferramenta de crítica ao processo de colonização. O autor, fortemente influenciado pela tradição oral africana, “viola padrões da língua portuguesa, numa manifesta postura de invenção de um novo registro discursivo.” (FONSECA, 2007, p. 33-34).

Também notamos nas duas obras a revelação dos segredos por meio da escrita: em *Terra Sonâmbula*, através dos cadernos de Kindzu, e em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada Terra*, através das cartas do avô Dito Mariano. Phillip Rothwell diz que as cartas “tornam-se propriedade do destinatário, mas sem deixar de constituir uma qualidade emocional do remetente” (ROTHWELL, 2010, p. 95). Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, as cartas do avô de Marianinho são escritas pelas mãos do próprio Marianinho, o que as tornam ainda mais especiais, pois apesar do destinatário e do remetente serem pessoas diferentes, se fundiam em uma só, segundo o narrador, “aquelas cartas me fizeram nascer um avô mais próximo, mais a jeito de ser meu.” (COUTO, 2003, p. 257). As cartas fazem um elo entre o passado e o presente de Marianinho.

Segundo Phillip Rothwell, “as letras são o ponto de partida para uma transformação que vai ser mediada pela voz do narrador” (ROTHWELL, 2010, p. 99). É através do caderno de Kindzu, na obra de 1992, que Muidinga descobre mais sobre o seu país e sobre si mesmo, quando a sua história se funde a história lida, sendo ele, possivelmente, o filho perdido de Farida. E através das cartas do avô Mariano, que Marianinho descobre que, na verdade, seu avô era o seu pai.

As três personagens em destaque neste trabalho descobrem o passado e sua identidade, através de escritos; e em ambas as obras, as folhas onde estão escritas as memórias e revelações sobre a verdadeira história das personagens são absorvidas pela terra, fundindo a história de cada um com a história de Moçambique.

Mia Couto, nas duas obras estudadas, entrelaça questões sociais ao enredo, como a questão do colonialismo português em Moçambique e as consequências da liberdade tardia para a nação. As histórias de seus personagens se misturam à história do país recém-independente. Sobre *Terra Sonâmbula*, Anita M.R. Moraes afirma que:

O motivo do sonambulismo, que entretetece as instâncias do sonho e da realidade, é figura também do entrelaçamento entre o histórico e o maravilhoso, decisivo na composição do romance. *Terra Sonâmbula* entrelaça (...) a instância da história – trazendo elementos da história da colonização, independência e guerra civil de Moçambique – e a esfera do maravilhoso – com a presença dos motivos e funções do conto maravilhoso, que tendem a sugerir a tradição oral africana (MORAES, 2009, p. 37).

Tanto em *Terra Sonâmbula* como em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, as personagens estão em busca do seu próprio eu, conscientemente, como é o caso de Muidinga, ou não, como é o caso de Mariano. Muidinga desejava saber quem eram seus pais e de onde ele tinha vindo, já Marianinho conhecia sua terra, Luar-do-Chão e sabia quem eram seus pais, mas acaba sendo surpreendido pela revelação de seu avô, Dito Mariano. A escrita foi a forma como o autor encontrou de fazer a ligação entre as personagens e suas origens. No romance de 1992, Kindzu se comunica com Muidinga por seu diário, e no romance de 2002, Dito Mariano se comunica com seu neto, Marianinho, por cartas.

Para Rejane Vecchia da Rocha e Silva, nas obras de Mia Couto,

o leitor é convocado para um diálogo que carrega, entre linhas de prosa poética, uma realidade recriada, sim, pela ficção, mas que também sinaliza, sobretudo a revelação de um mundo vivido em que diariamente emerge, ou melhor, se anuncia o desejo da transformação provocado pelo sentimento algumas vezes de vazio e esquecimento (SILVA, 2013, p. 161).

A terra e as personagens compartilham das mesmas agonias e tensões. Ambos tinham a necessidade de resgatarem no passado o seu “eu”, quando as personagens conseguem fazê-lo, é como se a própria terra também conseguisse.



REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Entrevista ao *Jornal de Letras, Artes & Ideias*. Lisboa, 1994, p. 14.

FONSECA, M. N. S.; MOREIRA, T. T.. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. In: *Cadernos CESPUC de Pesquisa - Literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007, v. 16, p. 13-72.

GOES, Letícia de Souza. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra e Antes de nascer o mundo: uma leitura da experiência de vida nos percursos de Marianinho e Mwanito*. 2012. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidade & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *O inconsciente teórico: Investigado estratégias interpretativas de Terra Sonâmbula, de Mia Couto*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

OTINTA, Jorge de Nascimento Nonato. *Mia Couto: Memória e Identidades em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. 2008. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ROTHWEL, Phillip. O papel da carta na obra de Mia Couto. In: *África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/UEA, 2010.

SCHMIDT, Simone Pereira. Uma casa chamada exílio. In: *Revista Gragoatá*. Niterói, n. 19, p. 95-103, 2. sem. 2005.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. Luandino Vieira e Mia Couto: intertextualidades. In: *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.



SILVA, Rejane Vecchia Rocha e. Literatura e história em cena: Terra Sonâmbula e Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. In: *Mia Couto: um convite à diferença*. São Paulo: Humanitas, 2013.